

# **CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM CONTEXTOS DE CRISE: COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO DAS PERIFERIAS NA PANDEMIA DA COVID-19**

Mariana de Souza Fonseca<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5221-7995>

**Resumo:** O artigo tem como foco compreender os quadros interpretativos elaborados pelos coletivos de comunicação das periferias, durante a pandemia de Covid-19. A pandemia foi um momento de grande mobilização social, à medida em que parte das autoridades públicas e da sociedade negavam a sua gravidade. A maneira como ela foi vivenciada pelas periferias, dado o descaso estatal, se tornou pública por meio da ação coletiva e da disputa de narrativa sobre a situação. Existem disputas tanto relacionadas à identificação de problemas e culpados, definição do que é a pandemia e como está sendo vivenciada; quanto com relação a quais são as soluções, o que vem depois, o que seria o novo normal. A pesquisa foi feita mediante coleta de dados em plataformas digitais – Twitter e Facebook – e realizamos análise de conteúdo das publicações em *software* de análise qualitativa, a fim de mapear as principais categorias que identificam os quadros dos coletivos de comunicação periféricos nesse contexto.

**Palavras-chave:** Periferias; Coletivos de Comunicação; Pandemia; Enquadramentos Interpretativos; Ação Coletiva.

Recebido em: 26/01/2022

Aceito em: 13/10/2022

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência Política pelo Instituto de Ciência Política, da Universidade de Brasília. Integrante do grupo de pesquisa Resocie e bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal. E-mail: [fonsecasmariana@gmail.com](mailto:fonsecasmariana@gmail.com)

## **BUILDING NARRATIVES IN CONTEXTS OF CRISIS: COMMUNICATION COLLECTIVES OF THE PERIPHERIES DURING THE COVID-19 PANDEMIC**

**Abstract:** This article aims to understand the interpretative frames created by the communication collectives of the peripheries, during the Covid-19 pandemic. The pandemic was a time of great social mobilization, as part of public authorities and society denied its seriousness. The way it was experienced by the peripheries, given the state's negligence, was made public through collective action and narrative dispute over the situation. There are disputes both related to the identification of problems and culprits, definition of what the pandemic is and how it was lived; and in relation to what are the solutions, what comes next, what would be the new normal. The research was done by collecting data on digital platforms - Twitter and Facebook - and we did content analysis of publications in qualitative analysis software to map the main categories that identify peripheral communication collectives in this context.

**Keywords:** Peripheries; Communication collectives; Pandemic; Frames; Collective Action.

## **CONSTRUCCIÓN DE NARRATIVAS EN CONTEXTOS DE CRISES: COLECTIVOS DE COMUNICACIÓN DE LAS PERIFERIAS EN LA PANDEMIA DE COVID-19**

**Resumen:** El artículo tiene el objetivo de comprender los cuadros interpretativos elaborados por los colectivos de comunicación de las periferias, durante la pandemia de Covid-19. La pandemia fue un momento de gran movilización social, a medida que parte de las autoridades públicas y de la sociedad negaban su gravedad. La forma en que fue vivida por las periferias, dado el descuido estatal, se hizo pública por medio de la acción colectiva y de la disputa narrativa sobre la situación. Existen disputas tanto relacionadas a la identificación de problemas y culpables, definición de lo que es la pandemia y como fue vivida; como con relación a cuales son las soluciones, lo que viene después, lo que sería lo nuevo normal. La investigación fue realizada mediante la recolección de datos en plataformas digitales - Twitter y Facebook - y hicimos análisis de contenido de las publicaciones en software de análisis cualitativo, para cartografiar las principales categorías que identifican a los colectivos de comunicación periféricos en este contexto.

**Palabras-clave:** Periferias; Colectivos de comunicación; Pandemia; Cuadros Interpretativos; Acción Colectiva.

## 1. Introdução

O ano de 2020 começou com uma crise de impacto global, causada pela pandemia da COVID-19, a qual demandou ações tanto do Estado quanto da sociedade. Antes do novo coronavírus chegar ao Brasil, a experiência internacional de combate à COVID-19 já comprovava seus desafios. Quando chegou neste país, ela se encontrou com anos de implementação de políticas de austeridade, as quais passaram a ser amplamente questionadas num contexto em que o apoio do Estado se fazia imprescindível. O presidente da República, Jair Bolsonaro, e boa parte do seu governo, contudo, seguiram durante todo esse período negando a gravidade da doença e a importância de executar políticas que garantissem a proteção social.

A divisão de responsabilidades entre União, Estados e Municípios foi, no mínimo, controversa: em alguns momentos grande parte dos governadores se uniram para tomar medidas preventivas a despeito dos posicionamentos do governo federal; em outros, impelidos pelo arrocho na arrecadação fiscal, pressionados pelos setores econômicos contrários às políticas de distanciamento social e fechamento de comércios e indústrias, ou até mesmo pela concordância de alguns com o presidente, seguiram a linha de atuação de Bolsonaro. Nesse ínterim de completa desorganização interfederativa (FERNANDEZ, *et al.*, 2020), ganharam destaque as ações realizadas pela sociedade para combater a pandemia e apoiar pessoas em situações de vulnerabilidade.

Por todo o país, surgiram inúmeras<sup>2</sup> iniciativas, com diversidade no foco de atuação, no público atingido e nas estratégias. Para citar apenas alguns exemplos, várias iniciativas se dedicaram à arrecadação e distribuição de alimentos, materiais de higiene e limpeza, especialmente nas periferias urbanas, como a CUFA Contra o Vírus (Nacional), a Periferia Viva (MG) e o Gabinete de Crise do Alemão (RJ). Outras realizaram apoio psicológico e acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, como o Projeto Dividir (DF), que não tinham ou não podiam permanecer nas suas casas em segurança. Ainda, algumas focaram em públicos específicos, como artistas, profissionais da cultura (como a Rede Apoio à Cultura-DF), idosos, LGBTQIA+ (Distrito Drag-DF), portadores de HIV/Aids, pessoas em situação de rua (No Setor-DF).

Algumas foram organizadas de maneira espontânea pela sociedade, como os Presidentes de Rua, em Paraisópolis-SP e a Rede Brasilândia Solidária-SP, outras se basearam em coletivos, entidades filantrópicas, organizações e associações de bairro já previamente existentes, como as Cozinhas Solidárias do MTST, Prato das Comunidades (RJ) e a Articulação Recife de Luta (PE). Não é objetivo deste trabalho abarcar toda essa pluralidade de iniciativas – que demonstra a solidariedade, criatividade e capacidade organizativa da população para agir em situações de emergência –, já que durante a pandemia, várias outras iniciativas tentaram sistematizar ou agregar essas ações. É o caso do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil, elaborado pelo

---

<sup>2</sup> Para conhecer algumas delas, acesse: [www.repositoriomobilizacovid.resocie.org](http://www.repositoriomobilizacovid.resocie.org)

Resocie<sup>3</sup> (Ipol/UnB), no qual é possível encontrar várias delas e também outras tentativas de mapeamento, sistematização e catalogação.

Nesse momento, foi notória a ação dos coletivos de comunicação das periferias, grandes responsáveis por tentar informar as comunidades sobre os riscos do novo coronavírus e formas de prevenção, e também por arrecadar e distribuir doações nos seus territórios. Esta pesquisa tem como objetivo, portanto, analisar os quadros interpretativos e a construção de narrativas e visões de mundo pelos coletivos de comunicação das periferias nos quatro primeiros meses da pandemia da COVID-19, a saber: Agência Mural (SP), Periferia em Movimento (SP), RUAS (DF), Voz das Comunidades (RJ), Coletivo Papo Reto (RJ), Periferia em Foco (PA), Tela Firme (PA) e Coletivo Tururu (PE). Estes são coletivos formados por jovens de periferias que fazem uso das novas tecnologias e mídias sociais para a produção de conteúdo a partir da sua visão de periféricos.

Os coletivos foram primeiramente mapeados a partir do manifesto<sup>4</sup> lançado por vários coletivos de comunicação das periferias com o objetivo de criar uma coalizão nacional de enfrentamento ao novo coronavírus nas periferias urbanas. Para escolher entre os mais de 70 coletivos que assinaram o documento, priorizei a diversidade regional, com o objetivo de avaliar se diferentes regiões implicavam narrativas distintas, e aqueles que aparentaram ter mais presença nas mídias sociais nos seus territórios.

## 1.1 Metodologia

Foi feita a coleta e análise de conteúdo de publicações, coletadas entre março e junho de 2020, no *Twitter* – com as *hashtags* #CoronaNasPeriferias, #Covid19NasFavelas, #CoronaNasPeriferiasEFavelas, #DiarioDeUmFaveladoNaPandemia e #favelacontraovirus; dos perfis dos coletivos – e no *Facebook* – das postagens nas páginas dos coletivos – sobre a realidade das comunidades periféricas na crise do coronavírus. A aposta no *Facebook* teve o intuito de encorpar as análises qualitativas aqui propostas, ademais todos os coletivos estão presentes e atuantes nesta plataforma. A escolha do *Twitter* se deu por ser uma das plataformas mais utilizadas para disseminar informação, demandar objetividade e viabilizar mobilização através do uso de *hashtags*. Esse material foi complementado pela análise de *lives*, *podcasts* e entrevistas concedidas por lideranças dos coletivos.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://repositoriomobilizacovid.resocie.org/mapas/>>. Acesso em: 07/04/2021.

<sup>4</sup> O manifesto foi lançado no início da pandemia, quando comunicadoras e comunicadores das periferias de todo o Brasil se uniram com o intuito de informar às comunidades sobre a pandemia e as medidas de prevenção. Fizeram isso, pois julgavam que o governo deveria fazer mais para auxiliar os moradores das periferias e acreditavam que muitas das ações de prevenção não poderiam ser realizadas no seu contexto. O manifesto está disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/comunicadores-perifericos-se-unem-em-coalizao-nacional-pra-enfrentar-pandemia/>> Acesso em: 22/03/2020.

A coleta das *hashtags* em *streaming* no *Twitter* exportou mais de 45 mil publicações válidas. Em razão disso, foi feita uma seleção por amostragem aleatória simples de 10% desses tuítes. A amostragem também foi feita utilizando código de programação *Python*, totalizando 4.553 tuítes nessa modalidade. A coleta de *hashtags* via *search* em código *R* retornou 12.570 publicações, das quais também extraímos uma amostra aleatória simples de 10% utilizando o mesmo código *Python* realizado para a amostragem da coleta *streaming*, totalizando 1.257 tuítes nessa modalidade.

A extração das publicações dos perfis dos coletivos no *Twitter* foi feita mediante uma coleta *search*, mas utilizando um código de *Python*. Para cada um dos coletivos também foi extraída uma amostra aleatória simples de 10%, independentemente da quantidade de publicações coletadas. Assim, a amostra retirada de cada coletivo no *Twitter* ficou como se segue: Voz, 231; RUAS, 19; Periferia em Movimento, 28; Periferia em Foco 7; Papo Reto, 134; Agência Mural, 69.

Por sua vez, a coleta de dados do *Facebook* também foi feita através de código em *R* para requisição de dados direto da *API*. Essa é uma mídia social com uma *API* muito mais limitada que o *Twitter*, a amostragem de dados extraídos nessa mídia é bem menor. Além disso, atualmente vários aplicativos que eram utilizados para a coleta e outras técnicas não são possíveis de serem utilizados, ou retornam dados ruins. A limpeza dos dados foi feita utilizando código em *Python*, contudo, como a quantidade de dados nessa coleta já é baixa (no comparativo com o *Twitter*), não foi feita amostragem. Com isso, a quantidade de publicações de cada coletivo no *Facebook* foi: Voz, 803; Tururu, 21; Tela Firme, 97; RUAS, 164; Periferia em Foco, 355; Periferia em Movimento, 162; Papo Reto, 53; Agência Mural, 320<sup>5</sup>.

Após a coleta, que formou um banco de dados com total de 8.273 publicações, realizei análise de conteúdo utilizando o *software* de análise qualitativa Atlas.ti 8.0. Isso viabilizou a criação de códigos que identificam as interpretações e visões dos coletivos de comunicação das periferias com relação à pandemia da COVID-19. A análise foi feita de forma não apriorística, ou seja, os códigos foram criados no decorrer da análise, buscando compreender os enquadramentos construídos pelos atores com relação à pandemia, à ação estatal e a sua própria ação.

Este artigo está dividido em cinco seções, a contar com esta introdução. Na próxima seção faço um breve histórico da pandemia no Brasil, como ela é caracterizada como um contexto de crise e as implicações disso para os estudos dos quadros interpretativos. Na terceira seção, caracterizo os coletivos de comunicação das periferias e na quarta seção apresento os dados coletados oferecendo algumas impressões extraídas a partir da análise qualitativa dos dados. Por fim, nas considerações finais, aponto alguns questionamentos que ensejam pesquisas futuras.

---

<sup>5</sup> O banco de dados completo e todos os códigos utilizados nesta pesquisa podem ser encontrados em: <https://doi.org/10.7910/DVN/61GG09>.

## 2. Pandemia: um momento crítico?

A pandemia da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), foi deflagrada no início de 2020, com seu primeiro caso em Wuhan, na China, reportado ainda em dezembro de 2019<sup>6</sup>. A doença se espalhou rapidamente, com taxa de contágio e letalidade mais alta do que outros vírus da mesma família, podendo chegar a 4%. O primeiro caso noticiado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo.

O comprometimento do governo federal com esse assunto logo se provou baixo ou inexistente. Não só os decretos que previam medidas de enfrentamento não impunham o isolamento social e a obrigatoriedade das medidas preventivas como também, desde o início, o presidente da República deu declarações negacionistas quanto à importância do isolamento, defendendo recorrentemente que “o Brasil não pode parar”<sup>7</sup> e reclamando da comoção pública com uma “gripezinha”.

As medidas tomadas pelo Executivo federal foram feitas pelo Ministério da Saúde à revelia do Planalto<sup>8</sup>, o que implicou na destituição de dois ministros da Saúde. Henrique Mandetta, ministro que chefiava a pasta no início da pandemia, foi exonerado do cargo em 16 de abril, quando o país estava chegando a duas mil mortes. Seu sucessor, Nelson Teich, ficou no cargo menos de um mês, alegando que “se eu não sáísse, ia repetir tudo o que aconteceu com o Mandetta”<sup>9</sup>, se referindo aos embates com o Planalto.

Em meio a uma pandemia, o Ministério da Saúde ficou sem chefia durante quatro meses. Eduardo Pazuello<sup>10</sup>, general do Exército, que havia sido nomeado ministro interino quase vinte dias após a saída de Teich, só se tornou ministro efetivo em setembro de 2020. O general assumiu a pasta alinhado com os interesses de gestão da crise do presidente Jair Bolsonaro e sem ter qualquer tipo de conhecimento em gestão, nem sequer sobre a principal política executada por ele: o Sistema Único de Saúde (SUS). Em entrevista, ao lançar a campanha Outubro Rosa, o ministro chegou a afirmar: “não sabia o que era o SUS”<sup>11</sup>.

Nesse ínterim, coube a responsabilidade por adotar medidas preventivas aos governadores. Uma das primeiras providências aplicadas por eles foi decretar medidas de

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em 06 de novembro de 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/03/27/brasil-nao-pode-parar-padilha-vai-a-justica-para-impedir-campanha-de-bolsonaro>> ; <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/27/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contramedidas-de-isolamento>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/28/covid-19-mandetta-contraria-bolsonaro-e-reforca-urgencia-de-parar-o-pais.htm>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/tres-ministros-da-saude-e-uma-pandemia-o-ano-em-que-ficamos-doentes.shtml>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/16/em-ato-no-planalto-pazuello-e-efetivado-e-saude-passa-a-ter-ministro-titular-apos-4-meses.ghtml>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/07/nem-sabia-o-que-era-sus-diz-ministro-da-saude-em-lancamento-de-campanha.htm>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

isolamento social, as quais foram sendo implementadas paulatinamente em todo país. O empenho dos governadores com a manutenção do isolamento social e demais medidas preventivas se esvaiu conforme o avanço da pandemia. A ausência de sincronia entre as determinações dos governos estaduais e o federal inviabilizou a eficácia do distanciamento social e das outras medidas preventivas, aumentando a taxa de contágio e de mortes (FERIGATO, *et al.*, 2020; BARBERIA, *et al.*, 2020a). A retração econômica, a falta de apoio do governo federal e a baixa arrecadação tornaram difícil a manutenção das medidas de isolamento pelos governos subnacionais (FERNANDEZ, *et al.*, 2020). No início de maio de 2020, alguns estados brasileiros começaram a sinalizar ou flexibilizar as medidas de prevenção.

Em meio a tudo isso, profissionais da saúde trabalhavam em turnos exaustivos<sup>12</sup> para dar conta da alta demanda e cientistas por todo o mundo uniram esforços<sup>13</sup> para buscar uma vacina o mais o possível para a doença. Apesar de o Brasil ter tido um papel extremamente relevante, como, por exemplo, em decorrência do trabalho de Jaqueline Goes<sup>14</sup> ao mapear o genoma do coronavírus e o desenvolvimento da Coronavac<sup>15</sup>, essas ações foram feitas sem o apoio da Presidência da República.

A pandemia da COVID-19 é uma crise sanitária que revelou questões estruturais da nossa sociedade. Ela desafia o sistema capitalista bem como o neoliberalismo, ao questionar ideologias que diminuem o papel do Estado na construção de políticas públicas que visam o desenvolvimento social de uma nação. No caso brasileiro, ela se encontra com as crises política e econômica já instauradas no país; com um histórico de desmonte das instituições; retrocessos em direitos sociais; exclusão da participação social; e menosprezo a princípios democráticos básicos (AVRITZER, 2020; MASCARO, 2020). A maneira como as situações de crise afetam a dinâmica política já foi caracterizada por termos como “conjuntura crítica” (COLLIER; COLLIER, 2002) e “evento” (SEWELL, 1996), ou seja, momentos nos quais a suposta estabilidade das instituições é abalada, permitindo novas trajetórias e disputas.

Como colocado por Abers e von Bülow (2020b), grande parte dessa literatura interessada nas crises ou momentos de incerteza, enxergam o ponto principal delas no que vem depois. Todavia, aqui interessa estudar o que acontece durante as crises, já que elas, apesar de serem momentos de grande incerteza, também instigam os atores a buscarem novas interpretações e darem sentido ao contexto (BLYTH, 2001; 2011; HAY, 2008; ABERS; VON BÜLOW, 2020b).

Esta literatura, ainda ascendente, questiona sob quais condições os paradigmas emergem, consolidam, acumulam anomalias e se tornam passíveis de serem desafiados e substituídos. A atenção tem sido focada particularmente no

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51044>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/cientistas-do-mundo-todo-buscam-a-vacina-e-tratamentos-para-a-covid-19/>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2251-jaqueline-goes-de-jesus-cientista-que-mapeou-o-genoma-do-coronavirus-e-homenageada-pelo-cns>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-12/instituto-butantan-inicia-producao-da-vacina-coronavac>>. Acesso em 6 de novembro de 2022.

momento da crise em si, um conceito muito invocado, mas raramente conceitualizado ou explicado pela literatura existente [...]. Crises, ele [Blyth] sugere, podem ser vistas como momentos nos quais as percepções dos atores sobre seus próprios interesses se tornam problematizadas. Consequentemente, a resolução da crise envolve a restauração de uma condição mais “normal”, na qual os interesses dos atores se tornam novamente claros e transparentes para eles (HAY, 2008, p. 67, tradução livre)<sup>16</sup>.

Por seu turno, a literatura de movimentos sociais avalia as crises refletindo sobre seu potencial como oportunidade ou ameaça para os movimentos sociais (TARROW, 2009). As oportunidades políticas seriam, portanto, momentos nos quais abre-se espaço para a mobilização e surgimento de movimentos sociais. Esse “momento crítico” (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999) acontece quando algo está fora do lugar, impulsionando a ação coletiva. Com isso, a demonstração de descontentamento desdobra-se em uma disputa.

Sob uma perspectiva pragmatista da ação, Cefai (2009; 2017a; 2017b) argumenta que a própria ação coletiva é um processo de codefinição das situações problemáticas, no curso das interações, de maneira circular entre atores-ambiente-contexto. Nessa perspectiva, as identidades e os quadros dos sujeitos sobre uma situação não estariam completamente definidos a priori, podem, também, ser constituídos (ou modificados) ao longo do processo. Assim, os movimentos sociais são afetados e convocados à ação, impelidos por esse contexto mais amplo. Suas narrativas, que disputam com outros a arena pública, podem ser igualmente elaboradas ou transformadas no curso dessa interação (CEFAI, 2017a; 2017b).

A pandemia se tornou um momento de grande mobilização social, à medida em que as autoridades públicas e alguns setores da sociedade negavam a sua gravidade (ABERS; VON BÜLOW, 2020b; ABERS; ROSSI; VON BÜLOW, 2021). A maneira como ela foi (e ainda está sendo) vivenciada pelas comunidades periféricas, dado o descaso estatal com as particularidades que as afetam – como as condições de moradia e trabalho, acesso à água, saúde e saneamento básico –, só pode se tornar pública por meio da ação coletiva e da disputa de narrativas sobre a situação que ocorre tanto no âmbito conceitual quanto na solução do problema.

É importante destacar que a construção dos quadros interpretativos é um processo que pode ser bastante controverso. A razão disso é que os quadros, imersos na situação problemática, podem variar conforme mudanças no contexto – já que os próprios atores podem variar suas crenças e demandas no desenrolar dos acontecimentos –, assim como diferentes atores

---

<sup>16</sup> No original: This still nascent literature asks under what conditions paradigms emerge, consolidate, accumulate anomalies, and become subject to challenge and replacement. Attention has focused in particular upon the moment of crisis itself, a concept much invoked but rarely conceptualized or further explicated in the existing literature. [...] Crises, he suggests, can be viewed as moments in which actors' perceptions of their own self-interest become problematized. Consequently, the resolution of a crisis entails the restoration of a more “normal” condition in which actors' interests are once again made clear and transparent to them HAY, 2008, p.67).



constroem quadros distintos sobre um mesmo contexto (DIAS, *et al.*, 2021; ABERS; von BÜLOW, 2020b).

A pandemia no Brasil é especialmente problemática para a construção dos quadros. Primeiro porque, no início, ninguém conhecia ao certo o que era o novo coronavírus, quais eram as maneiras mais seguras de prevenção, quais as taxas de contágio e mortalidade. Segundo, sequer houve tempo o suficiente para os movimentos sociais e a sociedade refletirem e compreenderem o que era a crise, uma vez que as vulnerabilidades as quais estão expostas as comunidades periféricas tornaram imperativo a realização de ações emergenciais enquanto tentava-se desvendar a crise. Em um cenário tão incerto, a necessidade de agir em demandas urgentes torna ainda menos definidas as perspectivas quanto ao fim do momento de indefinição e nem o que, afinal, será encontrado do outro lado (ABERS; von BÜLOW, 2020b; ABERS; *et al.*, 2021).

### **3. Os coletivos de comunicação na pandemia da COVID-19**

Os coletivos envolvidos no enfrentamento à COVID-19 nas periferias já atuavam por meio das mídias sociais antes, contudo, num momento de isolamento social, elas se tornaram ainda mais relevantes para que eles comunicassem o que estavam vivenciando. Por intermédio dos canais virtuais os coletivos se organizaram; divulgaram informações; solicitaram apoio e doações; instruíram a comunidade bem como denunciaram a negligência do Estado com a sua situação. Ademais, foram os principais responsáveis pelas ações presenciais (ABERS; von BÜLOW, 2020a; 2020b; ABERS; *et al.*, 2021; FRANCO, *et al.*, 2020), distribuindo as doações coletadas, panfletos e cartilhas e, por vezes, até mesmo realizando a limpeza da comunidade.

Os coletivos de comunicação estão inseridos em todo o contexto de violações, convivendo cotidianamente com os “ilegalismos” e o crime organizado; o descaso estatal com as comunidades das periferias; a falta de reconhecimento da sua condição, sem dar vazão as suas demandas, nem instituir políticas públicas efetivas e continuadas para esses territórios. Esses coletivos vêm surgindo ao longo dos últimos anos, com foco na produção de conteúdo, a partir da perspectiva das periferias. São formados por jovens que nasceram e cresceram nas comunidades das periferias e que apostam na potência da produção local.

Eles se tornaram espaços que reforçam a importância de produzir conteúdos que realmente os representem, apresentando suas narrativas e visões; ressignificando o ser *periférico*. A identificação de elementos comuns, nessa perspectiva, colabora para a constituição e permanência desses espaços, bem como para a definição dos interesses e problemas compartilhados (ADERALDO, 2013; D’ANDREA, 2013; 2020). Nesse processo, as plataformas de mídias sociais desempenham papel fundamental ao permitir a produção de conteúdo locais, nos quais é possível compartilhar narrativas e visões de mundo, possibilitando a expressão de vozes marginalizadas (MEDEIROS, 2017; 2019)

Ademais, os coletivos parecem ver na comunicação comunitária uma ferramenta que os permite falar diretamente pelos *seus* (a população das periferias), expressar as suas visões e opiniões, criando sentimento de pertencimento e identificação. Os conteúdos produzidos vêm tanto com o intuito de mostrar para o mundo a visão da periferia com relação aos mais variados assuntos, como também aquele jornalismo noticioso que informa as comunidades sobre pautas nacionais e mundiais utilizando a sua própria linguagem. E, justamente por estarem inseridos nesse contexto de violações, os coletivos estão entre a arte e a luta pela garantia de direitos (SILVA; OLIVEIRA, 2019).

### 3.1 Conhecendo os coletivos

A *Agência mural – SP* foi uma das primeiras agências de notícias das periferias de São Paulo. Iniciou como um *blog* hospedado na página da Folha de S. Paulo no ano de 2010, produzido por moradores de várias periferias de São Paulo. A iniciativa começou quando compreenderam que as periferias ficavam de fora da cobertura realizada pela mídia tradicional. Desde então, os comunicadores produzem informação partindo das periferias, principalmente contando as histórias das pessoas que vivem nelas.

O *Periferia em Movimento – SP* iniciou sua atuação no ano de 2009, quando três integrantes do coletivo, moradores do Grajaú-SP, se formaram em jornalismo. Na ocasião, os comunicadores perceberam a ausência de notícias que contassem a história das periferias, desde as periferias. Além disso, notaram que a narrativa apresentada pela mídia tradicional era, em sua maioria, limitada, negativa e superficial do que acontecia nas periferias.

O *Coletivo Papo Reto – RJ* foi formado em 2013, após a atuação de seus cofundadores no suporte às famílias que foram atingidas por chuvas e desabamento no Complexo do Alemão-RJ. O coletivo tem como foco prioritário a denúncia dos abusos das ações policiais, bem como eventos de protesto e mobilizações; também divulga a cultura e os talentos encontrados na favela.

O *Voz das Comunidades – RJ* surgiu em 2005 como um projeto da escola realizado pelo fundador, René Silva. Era um jornal comunitário, circulado em formato de folhetim e distribuído pelo próprio René e outros colegas que começaram a se envolver com o projeto. O jornal passou a ficar mais conhecido e se tornou uma referência em jornalismo nas periferias durante a invasão da polícia no Complexo do Alemão, em 2010<sup>17</sup>. O *Voz* relatou, de dentro da comunidade, o que estava acontecendo e passaram a ser divulgados pela mídia tradicional, nacional e internacional.

A *Rede Urbana de Ações Socioculturais – DF* formada em 2007, por pessoas advindas já de outros movimentos sociais desde os anos 1990. Atua principalmente com atividades culturais na

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rene-silva-jovem-do-morador-do-morro-do-adeus-twitou-em-tempo-real-invasao-da-policia-ao-2918816>>.

periferia do Distrito Federal, com foco em desenvolver as potências e capacidade criativa da juventude periférica<sup>18</sup>.

O *Coletivo Força Tururu – PE* foi criado na comunidade do Tururu, região metropolitana do Recife, em 2009, com o intuito de pautar as violações às quais estavam submetidas as pessoas que moram nessa comunidade. Iniciou a partir da mobilização de jovens que integravam grupos de jovens da igreja católica e que se mobilizaram pela primeira vez para conseguirem apoio para participarem do Congresso Nacional da Pastoral da Juventude naquele ano. A ideia do coletivo surgiu a partir da vontade de relatar as vivências da comunidade para além da violência e situações de morte.

O *Coletivo Tela Firme – PA* atua no bairro Terra Firme, em Belém-PA, utiliza prioritariamente o audiovisual como forma de denúncia do descaso estatal e da violência, mas também para contar as histórias dos moradores do bairro. Querem mostrar a percepção dos próprios moradores com relação ao território, as suas produções e vivências, e evidenciar as coisas boas realizadas no território.

O *Periferia em Foco – PA* surge no bairro da Cabanagem, em Belém-PA, em 2016, primeiramente com uma página no *Facebook*. Assim como os outros coletivos, o *Periferia em Foco* surge da insatisfação em ver o seu bairro ser retratado na mídia tradicional como um espaço de pobreza, crime e violência. E, desde seu surgimento, vem evidenciando o que é produzido de positivo no bairro, a criatividade e as iniciativas dos moradores, desmistificando os estigmas que lhes foram impostos.

#### **4. Enquadrando a pandemia**

Para compreender a construção de narrativas desses coletivos, me valho da perspectiva de enquadramentos interpretativos de ação coletiva. Os enquadramentos são costumeiramente abordados, pela literatura, sob seu ponto de vista estratégico para angariar possíveis aderentes; mobilizar constituintes e desmobilizar detratores (BENFORD; SNOW, 2000). Contudo, aqui me alinho às perspectivas que os compreendem não apenas como forma de influenciar interlocutores, mas também como uma estrutura processual construída no encontro de sujeitos em uma situação (MENDONÇA; SIMÕES, 2012). Não são apenas ângulos estratégicos, mas uma maneira de entender as molduras partilhadas de sentido que envolvem discursos e contextos ao mesmo tempo que são atualizadas e modificadas por eles.

Ao longo do período estudado foi possível observar quatro “momentos” dentro dos quais os coletivos mobilizavam argumentos e pautas distintos. Quando novas questões eram colocadas nesses momentos, os discursos eram sutilmente alterados para abarcarem-nas. Bem no início, o ponto principal levantado pelos coletivos era a desconexão das informações passadas pelo Estado com as realidades das periferias. Por essa razão, nesse primeiro momento, o foco era informar e

---

<sup>18</sup> Entrevista dada por Max Maciel, coordenador pedagógico, em 24 de setembro de 2019.

traduzir para as comunidades do que se tratava a pandemia e o que seria preciso fazer com relação a isso. Não havia ainda, para esses atores, a dimensão de impactos socioeconômicos, tampouco que a doença em si poderia afetar mais pessoas pretas, pobres e periféricas, já que ela havia chegado no país por intermédio das pessoas mais ricas. Abaixo, alguns exemplos de postagens que caracterizam esse primeiro momento de reconhecimento do cenário e busca por informação.

Nossa cobertura segue intensa sobre o novo coronavírus, mas alguns cuidados precisam ser tomados e nossa equipe não está mais se reunindo como sempre, as reuniões são somente online (Texto de tuíte do Coletivo Voz das Comunidades retirado da amostra analisada).

Atenção, manos, manas e monas! Se tu podes, fica no teu setor! Se tu não podes, fica de olho nas nossas dicas por aqui e redobre os cuidados. Bora ter cuidado com nossa própria saúde, com nossa família e com nossas quebradas.

Pra nos ajudar, coloque essa imagem no seu perfil por 24h para conscientizar a galera a ficar no seu setor, já é?! (Texto de postagem no Facebook do Coletivo Tela Firme retirado da amostra analisada).

Em pouco tempo, os coletivos que repassavam as informações começaram a receber os retornos dos moradores das comunidades, questionando sobre a viabilidade de realizar as medidas de prevenção, dadas as condições de moradia encontradas nas favelas (em especial, a falta de água, de saneamento básico e o fato de morarem muitas pessoas em casas pequenas) e as condições de trabalho. A partir de então, além das ações de informação e conscientização, os coletivos começaram a arrecadar doações de alimentos para que as pessoas tivessem, minimamente, o que comer caso perdessem sua fonte de renda.

Além das doações de alimentos, os coletivos arrecadaram e distribuíram materiais de higiene, limpeza e equipamentos de proteção individual, produtos indispensáveis para a segurança das pessoas e que sofreram uma alta de preços, inviabilizando a compra desses materiais pelas pessoas menos favorecidas. Observa-se, portanto, o acréscimo das questões voltadas para o acesso à água, infraestrutura de saneamento básico, desemprego e fome às preocupações denunciadas pelos coletivos e que fazem parte. Esses são pontos que foram levantados pelos moradores das comunidades, que evidenciavam como a realidade de falta de acesso a serviços básicos nesses territórios impactava a capacidade das pessoas cumprirem as medidas de prevenção, e que foram, aos poucos, sendo incorporados às narrativas dos coletivos relacionadas a sua vivência da pandemia.

Abaixo, é possível observar alguns exemplos que mostram como essas questões foram abordadas. Eles mostram como a população carente foi mais prejudicada pela pandemia por não ter acesso aos itens básicos recomendados por organismos internacionais para proteção contra a COVID-19 e a serviços públicos básicos:

#COVID19 Nas Favelas RESUMO:

As três principais dicas *p/* evitar exposição e proliferação não nos cabem.

Lavar sempre as mãos? (falta água direto). Usar álcool gel (não tem dinheiro para).  
Quarentena/isolamento (Com casas de dois ou três cômodos e 6 pessoas?)

COMO NA FAVELA? <https://t.co/UhI3od100E> (Texto de tuíte de seguidor que utilizou as *hashtags* retirado da amostra analisada).

Na verdade, quando a gente começa essa campanha de mobilização na Maré, de comunicação com essa frente de mobilização, o número de moradores falando que estavam desempregados, que estavam com fome... Bem, tem que usar máscara, tem que usar álcool, mas eu não tenho dinheiro pra comprar. E aí é quando a gente começa uma campanha, e aí a gente usa muito a internet, uma campanha pra arrecadação de alimentos (GIZELE MARTINS, *apud* EMERGE UFF, 2021).

Com isso, vários coletivos de comunicação das periferias, que haviam iniciado o processo de “tradução”, junto a outras organizações, se reorganizaram para atender esse cenário emergencial, ordenando e distribuindo doações, dando apoio às famílias e mantendo as atividades de comunicação.

A fala abaixo, de René Silva, um dos fundadores do Voz das Comunidades (RJ), exemplifica como se deu esse momento em que os coletivos de comunicação deixaram de apenas transmitir as informações e passaram a atuar na arrecadação e distribuição de doações.

A gente começou com umas campanhas de conscientização, umas campanhas que inicialmente era para divulgar os perigos do coronavírus, os cuidados que as pessoas deveriam ter. Só que a gente começou a se deparar com muitos problemas. Quando a gente colocou uma faixa no Complexo do Alemão escrito “Lave suas mãos com água e sabão regularmente”, muitos moradores começaram a nos questionar. Porque a gente estava colocando aquela faixa, mas muitos moradores estavam sem água dentro de casa. E as pessoas falavam assim: “Como eu vou lavar minha mão com água e sabão, se eu não tenho água dentro da minha casa?”. E a gente começou a se deparar com o primeiro problema. E a gente começou a fazer uma pressão na companhia estadual de água, começamos a levar para a mídia, muitos jornais, muitas emissoras de televisão começaram a falar sobre. A gente começou a pautar isso na mídia, sobre o problema da falta d’água, porque querendo ou não a água é o jeito mais barato né, lavar a mão com água e sabão é o jeito mais barato de higienização (RENÉ SILVA *apud* OXFAM, 2020).

Algumas dessas organizações das comunidades foram formadas após a pandemia, contudo, a maioria delas estava baseada em organizações mais estruturadas e previamente existentes. É o caso dos coletivos estudados nesta pesquisa e também de outros, como as ações da CUFA Nacional e do Periferia Viva. Em qualquer caso, existe um fator fundamental que é a presença de uma forte capacidade organizacional, associada ao conhecimento profundo sobre a realidade, necessidades e vulnerabilidades às quais estão expostas as comunidades, e à experiência prévia desses atores para atuarem em situações de emergência, tais quais deslizamentos de terra, enchentes e alagamentos.

Conforme mostram Abers e Von Bülow (2020a; 2020b), as estratégias de atuação no contexto da pandemia combinaram velhos e novos repertórios de ação. Boa parte do sucesso das iniciativas advém da reciclagem de práticas antigas, tais quais o uso de faixas e carros de som para comunicar e a busca por doações. Concomitantemente, foi preciso inovar nessas práticas para dar conta da realidade pandêmica: ampliou-se o uso das mídias sociais não só como espaço de comunicação, mas também como meio para organizar a logística das doações; manter contato entre doadores, comerciantes, receptores; e realizar prestação de contas das suas atividades. Além das inovações na logística presencial, como é o caso das reuniões dos presidentes de rua em Paraisópolis<sup>19</sup>, respeitando o distanciamento social. E, na maioria das vezes, uma combinação de estratégias *online* e *offline*, como é o caso dos coletivos de comunicação das periferias que, enquanto realizavam ações presenciais para coletar e distribuir doações e auxiliar os moradores que enfrentavam os mais diversos desafios para realizar o isolamento social, agiam virtualmente para informar e conscientizar a comunidade e denunciar a realidade que estavam vivenciando.

É importante notar como ação e interpretação caminham lado a lado. O fato de os coletivos de comunicação, e outras organizações que realizaram as ações emergenciais nas periferias urbanas, partirem para a ação antes mesmo de conseguirem avaliar concretamente a dimensão do problema que estavam enfrentando mostra não só a sua experiência com situações de crise, mas também o enquadramento das periferias com relação ao Estado e tratamento dado a elas por ele. Esse enquadramento que vem sendo construído há muitos anos é o resultado da interação entre movimentos das periferias, comunidades periféricas e o Estado. Os próprios coletivos agiram prontamente, pois já sabiam, e esperavam, com base nas experiências anteriores, que as periferias teriam que agir por si só para enfrentar o coronavírus nos seus territórios.

E, ao mesmo tempo em que agiam, os coletivos das periferias construíram diferentes interpretações sobre a pandemia, criando quadros interpretativos para este cenário. Muitas vezes, ela era associada com outros problemas enfrentados pelas periferias: miséria, desigualdade social, violência, genocídio da população negra, falta de acesso à saúde e à educação, e crises ambientais. Isso porque, na avaliação deles, a situação estava caótica em decorrência de questões estruturais – que derivam do próprio sistema capitalista monopolizador – existentes no país há anos que nunca foram propriamente enfrentadas. Logo, podemos afirmar que a pandemia não foi a causadora da fome ou do aumento do desemprego, mas evidenciou um contexto político,

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/g10favelas/posts/150419739858228>>.

econômico, social e cultural bastante desigual, revelando um histórico de múltiplas negligências com as comunidades mais carentes do Brasil.

A fala a seguir, de Preto Zezé, presidente nacional da CUFA, organização que grandes ações durante a pandemia a nível nacional, mostra essa perspectiva de que a pandemia veio como agravante de um cenário já existente de desigualdade social.

Uma das questões que foi muito desafiante pra nós é que, no primeiro momento – embora a pandemia tenha mostrado agora a sua conta, sua fatura de mais de 100 mil mortos e uma tragédia na questão da saúde –, ela foi inicialmente um problema econômico quando você tinha já milhões de desempregados no Brasil. A maioria da favela vivendo na informalidade, mais de 50% das pessoas na informalidade. Não houve aquele monte de emprego que a reforma trabalhista prometeu. Mais uma promessa dessa agenda, desse discurso de menos Estado participando da economia, deu nisso de novo, não temos esses empregos. [...]. As pessoas estão falando que a gente tá no mesmo barco, a gente pode estar no mesmo naufrágio, mas no meio desse naufrágio a gente teve mais de 100 mil que não tiveram nem boia, já se afogaram. [...] **E é importante a gente trazer, tá todo mundo comentando do COVID, da desigualdade, mas o COVID não é o causador da desigualdade. O COVID, na desigualdade social brasileira é mais uma peça nesse cabide de tragédias sociais que a desigualdade pariu.** E aí quando você vai pra favela você vê que a favela já é isolada socialmente de direitos básicos (PRETO ZEZÉ *apud* UNFPA, 26 ago., 2020, grifos nossos).

Entre compreender do que se tratava a pandemia e enfrentar a realidade imposta nas comunidades, os coletivos ainda se ocupavam em denunciar a ausência de apoio estatal. Em *live* realizada em parceria com o Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília<sup>20</sup>, Max Maciel, coordenador pedagógico da RUAS, afirmou que a sua organização nunca tinha feito esse tipo de trabalho de assistência antes. Porém, a leitura feita do contexto que se aventava era tão assustadora, que começaram a mobilizar um fundo de doações para apoiar os trabalhadores de cultura das periferias.

Vale apontar que várias pesquisas têm sistematizado as ações de solidariedade realizadas pelos movimentos sociais<sup>21</sup> e pela sociedade de maneira geral (ABERS; VON BÜLOW, 2020a; CASTRO, 2020; ESCUDERO, 2020; MOBILIZA; REOSPARTNERS, 2020; PIRES, 2020), contudo, aqui fica evidente que as ações solidárias não são o principal repertório de ação dos coletivos de comunicação. Tais ações foram realizadas por eles como resposta ao cenário imposto, inclusive aprendendo a fazer ao longo do tempo; mas não é algo que eles preveem manter no médio e longo prazo.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://fb.watch/gDyN5sb7Rg/>> Acesso em: 16 de julho de 2020

<sup>21</sup> Ver também Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil, elaborado pelo Resocie. Disponível em: <<https://resocie.org/inicial/projetos-e-eventos/repositorio-pandemia/>>.

Esse referido apoio estatal é vislumbrado de duas maneiras: tanto ele mesmo produzindo políticas públicas coerentes para o enfrentamento do novo coronavírus nos territórios, quanto apoiando e dando escala para as ações que já estavam sendo realizadas (KUNRATH, 2020). Contudo, conforme foi observado, o Estado nem produziu políticas públicas ou previu ações com foco nas periferias – razão que instigou a ação dos coletivos nas comunidades –, nem apoiou diretamente as iniciativas dos coletivos e das comunidades. Isso deixa evidente a negligência estatal no que se refere à construção de soluções para o combate efetivo à pandemia. Prova disso foi o posicionamento do governo federal que, além de não construir políticas públicas ou apoiar os governos estaduais que estavam tentando conter o avanço da doença (BARBERIA, *et al.*, 2020a; BARBERIA, *et al.*, 2020b), realizou discursos contrários às recomendações da OMS e outras instituições de saúde, espalhando notícias falsas, negando a gravidade da doença e dificultando o processo de conscientização da população, gerando mais medo e insegurança na população diante do cenário pandêmico.

A ausência do Estado no cuidado da população foi notada e denunciada pelos coletivos, como fica evidente nos tuítes abaixo:

O Coletivo Tela Firme luta em defesa das políticas públicas e sabe do difícil momento que estamos passando e não age para fazer o papel do estado, mas acredita que a solidariedade é fundamental em tempos difíceis, em especial nesse país onde o presidente subestima uma pandemia indo na contramão dos órgãos de saúde do BRASIL e da OMS (organização mundial de saúde). Agradecemos imensamente as pessoas que estão colaborando com a nossa campanha. Onde queremos destacar a contribuição da professora Rosa Beatriz, padre Paulinho, a advogada Mary Cohen, a jornalista Kássia. Nossos muito obrigado (Texto de postagem do Coletivo Tela Firme retirado da amostra analisada).

#PrestaçãoGabinete

O que temos feito no Alemão?

O Gabinete de Crise tem conseguido atender um número muito importante de famílias no Alemão. Sabemos que ainda é pouco diante do tamanho de nossa favela, mas sabemos também que temos feito tudo o que nos é possível.

A partir da próxima semana, para facilitar o entendimento dos números, iremos apresentar nas imagens apenas os números totais de produtos doados dentro do Alemão. No final da pandemia faremos uma prestação de tudo o que nos foi doado, assim todas e todos poderão saber com detalhes como foi o nosso trabalho nesses meses.

Muito importante lembrar que não somos agentes do Estado, nossas ações acontecem exclusivamente por conta do apoio de pessoas e empresas que estão sensibilizadas pelo abandono que sofremos diariamente. Seguiremos na luta e apoiando nossa favela.



Obrigado a cada um e cada uma que tem se esforçado para ajudar com as nossas ações!

Lembrem-se: O distanciamento social continua sendo a melhor saída para evitar a contaminação. Se cuidem!!

Estamos nas ruas por vocês, fiquem em casa pela gente!!

#Covid19NasFavelas (Texto de postagem do Coletivo Voz das Comunidades retirado da amostra analisada).

O terceiro momento fica marcado pela expressão “não ajuda, mas atrapalha”. É aqui que as narrativas sobre a pandemia nas periferias e a ausência do Estado garantidor são somadas à perspectiva de um Estado que também inflige direitos, mesmo num cenário como aquele. Foram ocasiões marcadas pelas ações policiais nas periferias que terminavam em tiroteios, invasões, remoções e homicídios. Tudo isso foi acrescido nos quadros interpretativos sobre o Estado na pandemia e, de maneira mais ampla, nos enquadramentos interpretativos das periferias que seguem sendo construídos. Os tuítes abaixo mostram a visão crítica com relação ao Estado, especialmente no que se refere ao modelo da política de segurança pública presente nos territórios periféricos.

O Estado segue sendo o autor de conjunto de práticas baseadas no desejo de eliminação e exclusão de direitos das populações mais vulneráveis, enquanto são garantidos e mantidos os das elites brancas. O que pontua aqui não se limita apenas a morte de uma criança negra, mas também a negação do direito à vida e de direitos básicos, fundamentais, para nossa existência. (Texto de postagem do Coletivo Voz das Comunidades retirado da amostra analisada).

A gente chama uma mobilização porque a gente tá discutindo isso há quatro meses e a gente chegou ao extremo da violência do Estado. É um contrato social que a periferia nunca assinou. Falam muito da importância do George Floyd, mas a gente fala assim “cara, na morte do Eduardo no complexo do alemão em 2010, a gente tava na rua; na morte do João Pedro, a gente tava na rua; na morte dos meninos de Costa Barros, do Cleyton, do Wesley, a gente tava na rua, a gente nunca saiu da rua”. A diferença da exposição do tema do nosso ato que é cobrança por justiça e basicamente a gente tá dando visibilidade para a violência institucional do Estado é olhar que todos os veículos de mídia hegemônica e os analistas estavam discutindo antirracismo. [...]. A gente quer falar de antirracismo na realidade brasileira, então vamos falar a partir do que a gente já constrói há muito tempo. É falar do processo, mais do que do final e da consequência. É assim que agente discute política pública e temas que a sociedade ainda não tá pronta pra discutir (MARCELE DECOTHÉ *apud* IPOL/UnB, 2020).

Fica evidente, a partir das falas colocadas, que muito do que está sendo dito neste momento se trata, na verdade, de dar publicidade às visões das periferias, previamente existentes, sobre a maneira como se dá a ação estatal nesses territórios. O que aparece na fala de Marcele – “a gente tava na rua, a gente nunca saiu da rua” e “é um contrato social que a periferia nunca assinou” – aponta que eles sempre agiram contra essa violência estatal que, se muda diante da pandemia, o faz somente na forma pela qual ela se apresenta. É um momento que escancarou as violências, precariedades e desigualdades sociais, mas que também viabilizou a disseminação desses quadros sobre a pandemia, já que os holofotes (nacionais e internacionais) estavam voltados para o que acontecia nas periferias.

Por fim, o quarto momento, que começou a se desvelar em fins de junho de 2020 e que parece ter se estendido, demonstra preocupação com a continuidade da pandemia – associada à flexibilização de medidas de isolamento e à baixa adesão às medidas preventivas – e com os efeitos dela no longo prazo: o aumento da fome e da insegurança alimentar, do desemprego, das pessoas em situação de rua. Essa dimensão é exemplificada no tuíte abaixo:

Por que é difícil nas comunidades levar a sério as medidas de proteção, que ajudam a reduzir contaminação por Covid-19, como uso de máscaras? O relaxamento da quarentena proposto pelo governo estadual e pela prefeitura, os discursos políticos, como o do presidente em classificar o coronavírus como uma “gripezinha”, e a falta de ações governamentais em favelas podem interferir diretamente no comportamento da população, em relação ao cumprimento de medidas de segurança para frear o contágio pela Covid-19 (Texto de postagem do Coletivo Voz das Comunidades retirado da amostra analisada).

Por outro lado, aparece a percepção dos integrantes dos coletivos de que muitas coisas boas foram construídas nesse período, várias iniciativas potentes e várias redes (intermunicipais, interestaduais e nacionais), que têm potencial para fortalecer a ação coletiva nas periferias, assim como suas produções e potências. Mas o fortalecimento dessas redes não passa por assumir um papel que eles entendem ser do Estado. O que está nítido, para eles, é que o trabalho que estão realizando deveria estar sendo feito pelo Estado. Porém, a maneira como esses coletivos e redes irão se comportar futuramente, agora que muito já foi (e segue sendo) feito, como será essa interação (dentro ou fora) com o Estado, ainda não está bem definida.

A gente tá disputando pós-pandemia, porque a gente não pode pensar só no hoje, a gente tá pensando no amanhã. A gente não faz assistencialismo, a gente tá disputando as pessoas nas periferias. A gente não tem que fazer o papel do Estado, a gente tem que mostrar que aquilo é direito. Não é dar cesta básica, é garantir segurança alimentar. [...] A gente tá disputando as instituições e a academia, porque a gente sabe, a gente tem todas as informações, mas a gente

só é levado a sério quando a gente fala nas mesmas letras e linhas que a branquitude (MARCELE DECOTHÉ *apud* IPOL/UnB, 2020).

Não é nosso papel substituir o Estado. A gente tem que ter um plano para acabar, para as nossas lutas não existirem mais. Isso acontece quando o Estado assume as tecnologias e a gente passa para uma perspectiva de controle. [...] Debater política pública nesse cenário, nós vamos ter que rever tudo, porque a pandemia mostrou que tem um monte de coisas que nós ainda não fizemos. Evidenciou que nós somos superdesiguais e que esse modelo capitalista não deu certo. [...]. A gente tem que voltar com comitês populares de bairro, porque cada bairro gere diferente cada política, conforme a necessidade (MAX MACIEL *apud* IPOL/UnB, 2020).

Não existe novo normal, na periferia a gente sabe como é o enfrentamento. Eu tenho conversado com outras lideranças de outras favelas, porque a gente não tem perspectiva de vida. Muitas famílias já perderam o emprego e quando passar a pandemia, que não tiver mais doações de alimentos, de material de limpeza? Então a perspectiva de vida é muito triste, a gente vai passar por essa fase aí por muito tempo depois da pandemia que essas pessoas vão precisar de ajuda. E o governo não tem uma política para depois da pandemia (MARCIVAN BARRETO *apud* SILVA, 2020).

Não se sabe se esta perspectiva para o futuro levará a mudanças institucionais, a mudanças nas formas de ação e de interação com o Estado, entretanto, estão sendo colocadas em pauta aqui questões para o pós-crise. Quer dizer, questiona-se o que significa “voltar ao normal” em um contexto no qual as projeções para as periferias são o alastramento da fome, da insegurança alimentar e do desemprego. O caminho desenhado por alguns parece ser seguir disputando os espaços para efetivamente propor e realizar políticas que atendam às demandas e à realidade das comunidades periféricas.

Abers e von Bülow (2020a; 2020b) também observam a centralidade das redes, tanto as que existiam anteriormente quanto as novas que surgiram no contexto pandêmico. Para além das redes entre os coletivos de comunicação das periferias, destacam-se também aquelas construídas entre os movimentos de agroecologia e agricultura familiar e os de periferias urbanas. Parceria esta que foi fundamental para garantir a alimentação de muitos/as brasileiros/as que vivem nas periferias. Uma das grandes questões é saber se essas redes serão sustentáveis no longo prazo e que outros tipos de articulações podem surgir a partir daí.

## 5. Considerações finais

Ficou patente que os quadros, especialmente aqueles relacionados à maneira como veem o Estado, alimentaram as narrativas que refletem a manutenção de um tipo de tratamento do Estado com as pessoas nas comunidades; mas também joga luz sob o quão caótico é o período

analisado. A crise, que coloca a todos em situação de alerta, a falta de soluções, e o curto espaço de tempo para reagir às dificuldades impostas fizeram com que os coletivos, e demais organizações que atuaram na pandemia em geral, se valessem de conhecimentos prévios para a ação imediata.

Mesmo com a mudança do contexto diante da imposição de uma crise, causada também por um fator externo (a pandemia), de maneira geral, a visão dos coletivos com relação ao Estado é crítica. Essa crítica está relacionada à violência policial, à negação de direitos e à falta de implementação e acesso a serviços e políticas públicas. A ação violenta do Estado, seja pela truculência policial ou pela inação diante de situações de emergência e/ou violação de direitos, tem efeitos deletérios na vida das pessoas e dificulta a organização coletiva nas comunidades. Ainda assim, o cenário pandêmico trouxe algo de novo para os quadros, que é a dimensão do Estado negacionista e a desorganização estatal interfederativa para solucionar a crise.

Por outro lado, a percepção que eles têm de si aqui observadas se somam a esses trabalhos que mostram a importância dos coletivos e espaços de cultura e de comunicação para a constituição e reforço do orgulho de *ser periférico* (D'ANDREA, 2013; 2020; KLEIN, 2019). Para além da dimensão de pertencer ao mesmo território, importa para eles as vivências comuns de ausência de acesso a direitos e serviços públicos e o mesmo tratamento negligente do Estado. É uma característica que vem permitindo a constituição de uma identidade periférica que parece cruzar todo o país. Isso foi fator fundamental para a atuação em rede desses coletivos e estreitamento dos laços entre eles durante a pandemia.

Algumas questões observadas ao longo deste trabalho instigam reflexões futuras. A primeira delas é compreender de maneira mais aprofundada como essas situações de crise, nas quais se debatem ideias em movimento, podem contribuir para o aprofundamento dos debates sobre enquadramentos interpretativos de ação coletiva. O que ficou evidente nesta pesquisa foi a multiplicidade de quadros elaborados tanto para interpretar a crise quanto para imaginar soluções ou as consequências da pandemia e o futuro dos coletivos e das comunidades.

A pesquisa contribuiu para iluminar um debate que pode ser bastante proveitoso que é a compreensão da conexão entre as crises e a construção de enquadramentos, que oferece desafios e uma constelação de oportunidades. Tal conexão, no entanto, precisa ser ainda mais bem trabalhada e discutida. Isso é relevante até para compreender se/como os quadros de um momento de crise, como no caso da pandemia, expressam suas perspectivas de causas, consequências e perspectivas de futuro; e se/como repercutem na construção ou reelaboração de repertórios de ação dos movimentos.

A segunda é que a dimensão da constituição de redes nas periferias é levantada em vários momentos nos dados. Tanto a formação dessas redes quanto a manutenção delas no pós-pandemia são temas que merecem um olhar mais atento e cauteloso. Do mesmo modo, pode ser interessante acompanhar como esses coletivos que realizaram as ações de solidariedade, apesar de acreditarem que esta não era sua função e aparentemente não terem histórico de interação com o Estado, se comportarão frente a esse mesmo Estado no futuro.

A pandemia chegou de maneira repentina e devastadora e jogou luz sobre todas essas desigualdades; mas depois dos alto-falantes, para dar voz, e dos holofotes, para jogar luz, é a vez de entender que as periferias são o centro, para aprender como fazer do nosso jeito.

## Referências

ABERS, Rebecca; ROSSI, Frederico; VON BÜLOW, Marisa. State-society relations in uncertain times: Social movement strategies, ideational contestation and the pandemic in Brazil and Argentina. **International Political Science Review**, Special Issue: The Political Ramifications of Covid-19. v. 00, n. 0, p. 1–17, 2021.

ABERS, Rebecca.; VON BÜLOW, Marisa. **A sociedade civil das periferias urbanas frente à pandemia (março-julho 2020)**: Repositório de iniciativas da sociedade civil contra a pandemia. Brasília-DF: Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, 2020a. Disponível em: <<https://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>>. Acesso em julho de 2020.

ABERS, Rebecca.; VON BÜLOW, Marisa. Agir, interpretar, imaginar: movimentos sociais frente à pandemia. **12o Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP)**, 19-23 de outubro de 2020, 2020b.

ADERALDO, Guilherme. **Reinventando a “cidade”**: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. Tese—São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2013.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. 1ª. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

BARBERIA, L. et al. **BOLETIM 4 - Falta de coordenação entre governo Federal e estados enfraquece a política de distanciamento social. A flexibilização sem critério pode agravar a pandemia**: Covid-19: políticas públicas e as respostas da sociedade. Rede de Pesquisa Solidária, 30 abr. 2020a.

BARBERIA, Lorena. et al. **BOLETIM 15 - Auxílio emergencial do governo tem impacto positivo na renda dos mais vulneráveis, mas não diminui mobilidade. A ausência de uma estratégia integrada do setor público enfraquece a efetividade das medidas contra a pandemia.**: Covid-19: políticas públicas e as respostas da sociedade. [s.l.] Rede de Pesquisa Solidária, 10 jul. 2020b.

BARRETO, Marcivan.; GONÇALVES, Anabela; SILVA, Guiné. **Organizações sociais comunitárias no enfrentamento dos efeitos da Covid-19**, 27 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/397405070321390/videos/215642736404412/>>. Acesso em 27 de julho de 2020.

BENFORD, Robert; SNOW, David. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. **Annual Review of Sociology**, v. 26, n. 1, p. 611–639, ago. 2000.

BLYTH, Mark. The transformation of the swedish model. **World Politics**, v. 54, p. 1–26, [s.d.].

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. The sociology of critical capacity. **European Journal of Social Theory**, v. 2, n. 3, p. 359–377, 1999.

CASTRO, Bárbara. **Covid-19 e sociedade: ensaios sobre a a experiência social da pandemia**. 1ª. ed. Campinas-SP: UNICAMP, IFCH, 2020.

CEFAI, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 2, n. 4, p. 11–48, 2009.

CEFAI, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas ... o que nos ensina o pragmatismo (parte 2). **Novos Estudos CEBRAP**, v. 36, n. 2, p. 129–142, 2017a.

CEFAI, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas - O que nos ensina o pragmatismo (parte I). **Novos Estudos**, v. 36, n. 01, p. 187–213, 2017b.

COLLIER, David; COLLIER, Ruth. **Framework: critical junctures and historical legacies**. In: *Shaping the Political Arena: Critical Junctures, the Labor Movement and regime dynamics in Latin America*. 2ª. ed. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2002. p. 27–39.

CUFA; DATA FAVELA; LOCOMOTIVA. **Coronavírus nas favelas**. 2020.

D'ANDREA, Tiaraju. **A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese—São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2013.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, p. 19–36, 2020.

DIAS, Tayrine; VON BÜLOW, Marisa; GOBBI, Danniell. Populist framing mechanisms and the rise of right-wing activism in Brazil. **Cambridge University Press: Latin America Politics and Society**, v. 63, n. 3, p. 69–92, 2021.

ESCUADERO, Camila. **Os impactos da pandemia de COVID-19 nas organizações da sociedade civil: conjuntura, desafios e perspectivas**. Brasília-DF: IPEA, maio 2020.

FERIGATO, Sabrina. *et al.* The brazilian government's mistakes in responding to Covid-19 pandemic. **Correspondence**, v. 396, n. 1636, 2020.

FERNANDEZ, Michele. *et al.* **Estados diante da pandemia de Covid-19: Uma discussão sobre distanciamento social e baixa arrecadação**. JOTA, 19 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/estados-diante-da-pandemia-de-covid-19-19082020>>.

HAY, Colin. Constructivist Institutionalism. In: RHODES, R. A. W.; BINDER, S.; ROCKMAN, B. (Eds.). **The Oxford Book of Political Institutions**. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2008.

IPOL. Entrevista com MACIEL, Max; DECOTHÉ, Marcelle **Protesto e Proteção: O desafio de organizar manifestações no contexto da pandemia**, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ipolunb/videos/319704842393499>>

KLEIN, Charles. Flipping the city: space and subjectivity in São Paulo periphery. **City & Society**, v. 31, p. 142–163, 2019.

MASCARO, Alysson. **Crise e pandemia**. 1. ed. São Paulo-SP: Boitempo, 2020.

MEDEIROS, Jonas. **Movimentos de mulheres periféricas na Zona Leste de São Paulo: ciclos políticos, redes discursivas e contrapúblicos**. Tese—Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2017.

MEDEIROS, Jonas. Do “Feminismo Popular” Ao “Feminismo Periférico”: Mudanças Estruturais Em Contrapúblicos Da Zona Leste De São Paulo. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 7, n. 11, p. 311, 2019.

MENDONÇA, Ricardo; SIMÕES, Paula. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187–201, 2012.

MOBILIZA; REOSPARTNERS. **Impacto da Covid-19 nas OSCs brasileiras: da resposta imediata à resiliência**. 2020.

OXFAM. Entrevista com SILVA, Rene.; CARVALHO, Laura. **Coronavírus e a vida nas periferias**. (OXFAM, Ed.30 abr. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=AadvSrYao4Y&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=AadvSrYao4Y&feature=emb_title)>. Acesso em 30 de abril de 2020.

PIRES, Roberto. **Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da COVID-19: propostas para o aperfeiçoamento da ação pública**. Brasília-DF: IPEA, abr. 2020.

SEWELL, William. Historical Events as Transformations of Structures: Inventing Revolution at the Bastille. **Theory and Society**, v. 25, n. 6, p. 841–881, 1996.

SILVA, Fernanda; OLIVEIRA, Marília. Reflexões sobre práticas e reconfigurações políticas dos coletivos de comunicação “Nós mulheres da periferia” e “Periferia em Movimento”. **VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”**, p. 1–21, 2019.

UNFPA. Entrevista com ZEZÉ, Preto; FRANCO, Anielle; CASTELLO, Grazielle. **Webinário #18 | Periferias e a Covid-19: impactos e respostas**, 26 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YdQ8YaM27Rw>>.

## Anexos

Quadro	Descrição
Atuação dos coletivos	Citações que retratam a atuação dos coletivos como algo positivo.
Violência policial	Citações que criticam a violência policial nas periferias
Fonte de informação - comunidade	Citações que identificam a comunidade e/ou os coletivos como a fonte de informação de determinado assunto
Doações	Citações que mobilizam para doações, relatos dos momentos de entregadas doações, falam sobre a importância das doações
Isolamento - desafios	Citações que retratam como as condições de vida nas periferias torna o isolamento social impossível
Crítica ao governo estadual	Citações que criticam a ação do governo estadual nos territórios e/ou condução da pandemia em geral
Medidas de Prevenção - Apoia	Citações que indicam apoio/importância das medidas de prevenção
Conscientização	Citações que buscam conscientizar as pessoas sobre os riscos do vírus, explicar sobre a doença
Atuação comunidade	Citações que relatam a atuação da comunidade não-organizada em coletivos, de maneira espontânea
Crítica aos políticos/governos	Citações que criticam os governos/políticos de maneira geral, sem identificar esfera federativa ou cargo público
COVID-19 impacta mais pretos e pobres	Citações que afirmam que a Covid-19 impacta mais pessoas pretas e pobres



Quadro	Descrição
Crítica ao governo federal	Citações que criticam a ação do governo federal nos territórios e/ou condução da pandemia em geral
Luto pelos nossos	Citações que expressam sentimento de luto pelas mortes nas periferias, tanto por COVID-19 quanto por violência policial
Solidariedade	Citações que solidariedade e apoio a iniciativas solidárias realizadas de forma espontânea pela comunidade (não inclui doações)
Fome	Citações que expressam a fome e/ou insegurança alimentar como um agravante da pandemia e impeditivo do isolamento social
Saúde	Citações que falam sobre a situação da política pública de saúde (falta de materiais, atendimento médico, testes, atenção básica, filas, etc.)
Auxílio emergencial	Citações que mostram as dificuldades financeiras enfrentadas e a importância da aprovação do auxílio emergencial
Favela é resistência	Citações que não falam especificamente sobre atuação da comunidade ou dos coletivos, mas de maneira geral que a favela sempre resistiu e cuidou dos seus.
Falta de organização no governo	Citações que afirmam que os governos não têm organização nem planejamento interfederativo para combater a pandemia
Condições trabalhistas	Citações que retratam as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores das periferias na pandemia.

**Fonte:** elaboração própria.